

Persea willdenovii Kosterm.

(abacateiro do mato, canela do brejo, canela rosa, maçaranduba, pau andrade)

Família: Lauraceae

Sinônimos: *Persea pyrifolia*

Endêmica: sim⁴

Bioma/Fitofisionomia: Cerrado, Mata Atlântica⁴

Recomendação de uso: Restauração, Arborização urbana

O pau de andrade é uma espécie de grande porte, podendo atingir 25 m de altura. Seu tronco, com até 70 cm de diâmetro, é revestido por uma casca cinzenta. Suas flores são amarelas e seus frutos são pequenos, arredondados e de cor roxa escura e brilhante quando maduros. Por ser uma árvore exuberante, é recomendada para ornamentação de parques e praças. Sua madeira é utilizada na construção civil, marcenaria, confecção de móveis, entre outros usos.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (construção civil, canoa, lenha, carpintaria e marcenaria, móveis), produtos não madeireiros (ornamental)^{6,1,2}

Características gerais

Porte: altura 10.0-25.0m DAP 40-70cm^{2,1,5}

Cor da floração: amarela^{2,1}

Encontrada também na coloração esverdeada.

Velocidade de desenvolvimento: Moderada¹

Persistência foliar: Perenifolia, Semidecídua^{6,2,1}

Sistema radicular: -

Formato da copa: Irregular²

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Reto²

Superfície do tronco: Áspera¹

Tipo de fruto: Carnoso indeiscente (Drupe)^{2,1}

Cuidados

Poda de condução e de galhos: sim²

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas bem drenadas^{9,2,6,1}

A espécie tem preferência por solos secos (SILVA; PERELLÓ, 2010); é seletiva xerófila (LORENZI, 2008); ocorre, naturalmente, em diversos tipos de solo, desde secos a úmidos (CARVALHO, 2006); indicada para áreas de solos bem drenados, não alagáveis (MARTINS, 2007).

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Secundária tardia⁷

Polinizadores: Entomofilia (insetos) (SILVA; PERELLÓ, 2010); essencialmente abelhas e diversos insetos pequenos (CARVALHO, 2006).^{2,6}

Período de floração: junho a dezembro⁵

Tipo de dispersão: Zoocórica^{2,7}

Agentes dispersores: Várias espécies da avifauna (CARVALHO, 2006). Foi registrada interação da espécie com as seguintes espécies de pássaros: *Thraupis sayaca* (sanhaço-cinza), *Tangara cayana* (sanhaço-cara-cinza), *Dacnis cayana* (saí-azul), *Ramphastos toco* (tucano), *Turdus leucomelas*, *Turdus amaurochalinus*, *Pitangus sulphuratus*, *Myiozetetes similis* (bentevizinho), *Tyrannus melancholicus*, *Empidonomus varius*, *Tersina viridis*, *Psarocolius decumanus*, *Celeus flavescens* (ANDRADE, 2003).^{3,2}

Período de frutificação: dezembro a fevereiro⁵

Associação simbiótica com raízes: -

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore¹

Colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem queda espontânea. Em seguida, deixá-los secar à sombra para reduzir a umidade da polpa, não havendo necessidade de tirar a polpa.

Tipo de semente: Recalcitrante⁸

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento²

Produção de mudas: Canteiros ou Recipientes individuais^{2,1}

Colocar os frutos para germinar, logo que colhidos e sem nenhum tratamento, em canteiros semi-sombreados (LORENZI, 2008). Recomenda-se a semeadura diretamente em sacos de polietileno com dimensões mínimas de 20 cm de altura e 7 cm de diâmetro, ou em tubetes de polipropileno de 15 cm de comprimento por 3 cm de diâmetro. Quando necessária a repicagem deve ser efetuada logo que haja a emergência da parte aérea ou com até 7 cm de altura (CARVALHO, 2006).

Tempo de germinação: 5 a 40 dias^{1,6}

Taxa de germinação: 50%²

Número de sementes por peso: 6200/kg¹

Exigência em luminosidade: Exigente em luz^{6,1}

Planta esciófila ou heliófila (SILVA; PERELLÓ, 2010); Heliófila ou mesófila (LORENZI, 2008).

Bibliografia

¹ LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. 5 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008. v. 1.

² CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2006. v. 2, 627 p.

³ ANDRADE, M. A. de. Árvores zoocóricas como núcleos de atração de avifauna e dispersão de sementes. 2003. 91 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Florestal) – Universidade Federal de Lavras, Lavras. 2003.

⁴ QUINET, A.; BAITELLO, J. B.; MORAES, P. L. R. de; ALVES, F. M.; ASSIS, L. Lauraceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 17 jun. 2013.

⁵ BAITELLO, J. B. Persea. In: WANDERLEY, M. das G. L.; SHEPHERD, G. J.; GIULIETTI, A. M.; MELHEM, T. S. (Ed.). Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo. São Paulo: FAPESP: RiMa, 2003. v. 3, p. 208- 213.

⁶ SILVA, J. G.; PERELLÓ, L. F. C. Conservação de espécies ameaçadas do Rio Grande do Sul através de seu uso no paisagismo. Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, Piracicaba, v. 5, n. 4, p. 1- 21, 2010.

⁷ CATHARINO, E. L. M.; BERNACCI, L. C.; FRANCO, G. A. D. C.; DURIGAN, G.; METZGER, J. P. Aspectos da composição e diversidade do componente arbóreo das florestas da Reserva Florestal do Morro Grande, Cotia, SP. Biota Neotropica, Campinas, v. 6, n. 2, 2006.

⁸ DAVIDE, A. C.; CARVALHO, L. R. de.; CARVALHO, M. L. M. de.; GUIMARÃES, R. M. Classificação fisiológica de sementes de espécies florestais pertencentes à família Lauraceae quanto à capacidade de armazenamento. Cerne, Lavras, v. 9, n. 1, p. 29-35, 2003.

⁹ MARTINS, S. V. Recuperação de matas ciliares. 2 ed. Viçosa: Aprenda Fácil Editora, 2007. v. 1, 255 p.